

MÍRIAM LEITÃO



PANORAMA ECONÔMICO

À luz da tocha

• A tocha olímpica iluminou um ponto relevante: o mundo rejeita o modelo político chinês. A maneira como os demais governos se curvam diante do poder econômico da China dá a impressão de que uma ditadura que permita bons negócios é aceitável. As ruas dizem não. Mas há avanços no processo político chinês, como explica um professor da Universidade de Tsinghua.

Na longa marcha da tocha, a imagem chinesa vem sofrendo ataques, e vai se apagando a idéia de que uma ditadura lucrativa é tolerável. O sofrimento do Tibete aguçou a rejeição. Na livre e bela São Francisco, nos Estados Unidos, ficou claro o divórcio entre os manifestantes pedindo liberdade na China e no Tibete e as autoridades americanas querendo encurtar o constrangimento chinês.

Mas alguma coisa acontece também na China. "What they talk about when they talk about Democracy", ou "Do que eles falam quando eles falam de democracia"; com esse instigante título, foi publicado, na "Foreign Affairs" do primeiro bimestre do ano, um ensaio de John Thornton, professor da Universidade de Tsinghua, sobre o que vem acontecendo na China profunda.

Ele baseou seu artigo em impressões que colheu durante 14 meses de conversas com líderes políticos do Comitê Central do Partido Comunista, funcionários graduados do governo, professores, juizes, advogados, jornalistas e líderes de ONGs. Existe o que se pode chamar de um processo eleitoral chinês. Só que as eleições chinesas são mais livres quanto mais remoto é o vilarejo e estão menos livres agora do que foram no final dos anos 1980.

"A China evidentemente não é uma democracia. O Partido Comunista chinês tem o monopólio do poder político, e, no país, faltam liberdade de imprensa, Judiciário independente e outros atributos fundamentais de um sistema liberal e pluralístico", esclarece o professor, em seu artigo.

Feito o ponto, conta histórias interessantes: ao fim da coletivização e após a anarquia da revolução cultural, as autoridades chinesas permitiram processos de escolhas populares de líderes nos vilarejos e nas pequenas cidades. Não foi pouca gente que recebeu esta permissão de votar nos líderes locais: são 700 mil vilarejos, aldeias onde moram 700 milhões de chineses.

Mas mesmo esse incipiente e rural início de democracia foi contido quando se percebeu, no começo dos anos 90, que, livres para escolher, os camponeses haviam eleito 60% dos seus líderes fora dos quadros do Partido Comunista. Hoje 90% dos líderes do interior nas regiões produtoras mais prósperas são do PC.

As mais remotas ainda têm alguma liberdade de escolha; nelas, o controle comunista cai para 60% a 70%. Para o mandato de 2006-2007, a imprensa oficial registrou que 296 chefes de governos municipais em 16 províncias foram escolhidos pelo voto direto.

A revolução cultural devastou o arcabouço legal. Em 1980, a China era um país sem leis e códigos legais. De lá para cá, foram

aprovados 250 novos códigos legais, e o número de causas aceitas multiplicou-se por dez. Naquela época, os juizes e promotores eram militares. Nos últimos anos, as universidades vêm formando profissionais do direito que vão ocupando os postos. De 1990 para cá, um pré-requisito não escrito tem sido seguido nas nomeações de juizes: ter mesariado em direito. Nos anos 80, os advogados eram todos empregados do governo. A primeira cooperativa privada surgiu em 1988. Hoje existem 12 mil firmas onde trabalham 118 mil advogados licenciados. Claro, os líderes do Partido Comunista interferem nas sentenças, e o governo decide as questões "sensíveis", mas, desde 1999, oficialmente, a China é um país "governado pelas leis". É o que está na lei. Seja lá o que isso signifique.

A imprensa não é livre, mas a internet, à qual 200 milhões de chineses têm acesso, está tornando o controle mais difícil. Algumas publicações não estatais vão se firmando ao desobedecer que o jornalismo investigativo vende. Em 2002, um repórter veterano do "China Economic Times" escreveu um artigo baseado em profunda apuração sobre o sistema de licença de táxi de Pequim. Com o conluio entre os donos das companhias e os órgãos supervisores, os taxistas eram obrigados a trabalhar por um tempo excessivo e salários aviltantes. O jornal se esgotou rapidamente. O Escritório Central de Propaganda proibiu a reprodução da matéria. O Escritório de Transporte da cidade proibiu que os taxistas lessem a matéria. Motoristas entrevistados receberam ameaça de morte, e o autor teve que contratar guarda-costas. Mas o texto se espalhou pela internet e, oito dias depois, o então vice-primeiro-ministro Wen Jiabao — hoje primeiro-ministro — divulgou uma declaração oficial apoiando os taxistas. Campanhas são feitas por internet ou pelo telefone celular, seguidas de manifestações populares, como a que interrompeu a construção de uma indústria química em Xiamen. Chineses hoje têm permissão para viajar a lazer, estudos ou negócios. Empresas com ações listadas fora do país têm que ter mais transparência. As autoridades descobriram uma vantagem: essa incipiente liberdade ajuda a combater a corrupção.

O ritmo da democratização chinesa é tão lento que a nossa "lenta e gradual" abertura fica parecendo um trem-bala. O período mais intenso de fermentação política, quando a democracia era debatida dentro do governo, em *think tanks*, universidades, rodas de intelectuais e estudantes e tomou com alegria as praças, foi em 1989. Sobre aquele breve sonho, abateu-se a tragédia de Tiananmen.

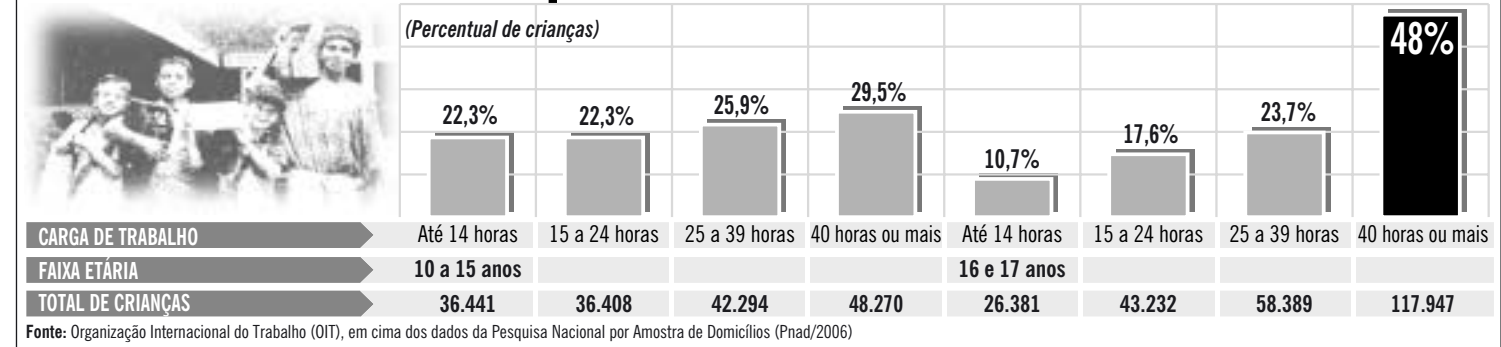
www.oglobo.com.br/miriamleitao • e-mail: miriamleitao@oglobo.com.br

COM DÉBORA THOMÉ

EFEITO COLATERAL: Média salarial das empregadas menores está em R\$ 79

Editoria de Arte

Jornada em ritmo pesado



Quase metade das jovens domésticas trabalha 40 horas ou mais por semana

Entre as meninas de 10 a 15 anos, um terço cumpre esta jornada

Cássia Almeida e Leticia Lins

• RIO e RECIFE. As pequenas empregadas domésticas são submetidas a jornadas de trabalho exaustivas. Segundo os dados compilados pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/2006), do IBGE, 48% das jovens de 16 e 17 anos trabalham 40 horas ou mais por semana. Entre as meninas de 10 a 15 anos, essa parcela chega a 29,5%.

— É uma situação muito grave. Essa jornada de trabalho impede a frequência e o rendimento escolar — diz Renato Mendes, coordenador Nacional do Programa de Internacional para Eliminação do Trabalho Infantil da OIT.

Entre as crianças que trabalham no serviço doméstico, 14.807 nada recebem pelo trabalho, o que é considerado pela OIT como servidão ou trabalho forçado. E o rendimento não chega à metade do salário mínimo. O ganho médio das adolescentes de 16 e 17 anos era de R\$ 137,08. As menores não chegam a receber cem reais. A média está em R\$ 79,10.

E a educação é fator decisivo para tirar as crianças do trabalho. Estudo recente mostrou que os estados brasileiros com os maiores índices de desenvolvimento humano (IDH) no quesito educação são também aqueles que exibem as menores taxas de trabalho infantil. E vice-versa.

— Estados como Rio, São Paulo e Distrito Federal, com IDH e educação mais altos, têm as menores taxas de trabalho infantil — afirma Mendes.

Janaína Ferreira Carneiro, de 16 anos, lembra do tempo que passou como doméstica, quando tinha 13 anos. O trabalho começava às 7h só terminava depois das 22h. Lavava, passava, cozinhava, arumava a casa e cuidava de uma criança de 5 anos. Depois de sucessivas reclamações, a patroa começou a dizer que ela gostava do marido. A menina largou o trabalho após a patroa ameaçar bater nela.

— Eu não contava nada para minha mãe. Não conhecia os meus direitos. Uma amiga me trouxe para cá (Centro de Defesa da Criança Emaús) e larguei o trabalho. Estava prejudicando meu desenvolvimento, perdi um ano na escola — conta Janaína, que vive com a mãe, diarista, e a avó, que lava roupa para fora. Hoje, ela atua no Centro, pela conscientização de outras meninas.

Sem férias: 76% nunca tiveram o benefício

Outra pesquisa da OIT, de 2002, dá as características dessa população trabalhadora. São, na maioria (74,9%), pretas ou pardas, trabalham como domésticas nas cidades de Recife, Belo Horizonte e Belém, onde cumprem jornadas que chegam a 12 horas diárias. A maior parte ganha menos de meio salário mínimo, mas há aquelas que trabalham por comida ou roupas. Elas também relatam maus tratos e agressões, sendo que 70% das que estão entre 15 e 17 anos reclamaram de assédio sexual.

Em Pernambuco, os números são preocupantes, de acordo com Renato Pinto, coordenador do Programa dos Di-



Fernando Araújo

CONSCIENTIZAÇÃO: NO Centro de Defesa da Criança Emaús, em Belém, meninas recebem orientação

CORPO A CORPO

ISA DE OLIVEIRA

'Xingamentos e humilhações'

• A secretária-executiva do Forum Nacional de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, Isa de Oliveira, alerta que a própria legislação do trabalho doméstico discrimina essas trabalhadoras, que não têm direito ao FGTS, à jornada máxima de 44 horas e ao seguro-desemprego. "É um universo rico em discriminação e violência", afirma.

O GLOBO: Quais os riscos a que essas meninas e adolescentes estão expostas?

ISA DE OLIVEIRA: São jornadas de trabalho exaustivas, e elas são proibidas da convivência com seu grupo etário. Há relatos frequentes de maus tratos, xingamentos, humilhações e confinamento no espaço de trabalho. As crianças viti-

mas de abuso se fecham. É um quadro profundamente triste. Elas não contam com o afeto das famílias. São muito vulneráveis.

• A escolaridade fica comprometida então?

ISA: Quanto mais jovem elas ingressam no trabalho doméstico, menos oportunidades elas têm de concluir o ensino fundamental. São repetentes e apresentam defasagem escolar grande.

• A pesquisa mostra 410 mil crianças e jovens nesse trabalho. Esse número pode ser maior?

ISA: Há muito sub-registro. O pior é que essa é a porta de entrada no mercado de trabalho das mulheres pobres e negras. (Cássia Almeida)

reitos da Criança e do Adolescente do Centro Dom Hélder Câmara de Estudos e Ação Social-Cendhec. O estudo, que em Recife abordou 315 menores, indicou que 19,7% delas começaram a trabalhar com idades entre 5 e 11 anos, e que 71,4% iniciaram a vida profissional entre 12 e 15 anos. A investigação mostrou que 95% das mães delas também são empregadas domésticas.

— Isso mostra uma espécie de legado, um círculo vicioso — afirmou Pinto.

As jornadas extenuantes chegam a 47,17 horas por semana. — Se no trabalho doméstico não há jornada definida, quando esse assunto se refere às crianças, elas são ainda mais penalizadas. Não ganham hora extra, não têm recompensas com folgas, e as que dormem no serviço, muitas vezes, são acordadas pelos patrões para esquentar o jantar, por exemplo. Se for assim, há jornadas que chegam a 60 horas — afirmou.

A pesquisa mostrou outro

problema: 76% das pesquisadas nunca tiveram férias e 71% não conhecem os próprios direitos. Elas relacionam problemas provocados pelo trabalho: dores musculares (57,6%), dores de cabeça (28,6%), fadiga (21,2%), dor de coluna (18,1%), solidão e tristeza (16,9%).

Especialista compara situação à escravidão

Para a professora do Departamento de História da USP Esmeralda Blanco de Moura, esse trabalho é invisível e insidioso, refletindo também a violência contra mulher, muito alta no Brasil:

— Numa análise histórica, essa situação remonta à escravidão.

Mesmo assim, elas alimentam sonhos. Desejam ser médicas (28%) ou artistas (14%).

— O fato de querer ser médica pode ser uma extensão do trabalho que ela faz hoje, que é tomar conta das pessoas. Muitas meninas sonham em se tornar cantoras. ■



Em uma pesquisa com mais de 300 crianças domésticas, todas disseram que sofreram violência física, verbal ou psicológica. Muitas relataram abuso sexual

Ana Celina Hamoy, coordenadora do Centro de Defesa da Criança Emaús, em Belém

"Por ter ganhado uma cama usada e uma cômoda velha, X., de 14 anos, foi impedida pela patroa de voltar para sua casa. Ela dizia que a menina estava devendo dinheiro a ela. Vivia trancada e nunca recebeu salário"

Eliane Neves, assistente social do Centro de Defesa da Criança Emaús, de Belém

"Aos 13 anos, fazia todo o trabalho da casa e cuidava de uma criança de 5 anos. Começava às 7h e ia até às 22h. Fui embora quando a patroa ameaçou me bater, dizendo que eu gostava do marido dela"

Janaína Carneiro, 16 anos, que está cursando o Ensino Médio